

NEOLOGISMOS DE METÁFORA NO ROMANCE "LAVOURA ARCAICA"

Denise Padilha LOTITO¹

RESUMO

Por analogia aos sistemas metafóricos da vida cotidiana, teorizados por Johnson & Lakoff (1980), identificamos no romance *Lavoura Arcaica* um sistema metafórico derivado do conceito metafórico primitivo “homem é natureza”. Esse sistema metafórico é ilustrado por um conjunto de metáforas relativas a elementos da natureza, selecionadas com base em critérios semânticos, estilísticos e de construção de sentido da obra literária.

As metáforas escolhidas para análise são compreendidas neste estudo como organizadas em um sistema estabelecido pelas relações de analogia e complementaridade entre elas. Evidenciar essas relações é uma forma de demonstrar de que maneira o uso de metáforas de um mesmo campo semântico (das plantas e dos animais, no estudo em questão) está a serviço da criação e da coesão do universo interno à obra literária.

Este trabalho se filia às pesquisas de criação lexical de abordagem estilística voltadas para o estudo de textos literários. O romance *Lavoura Arcaica*, do escritor paulista Raduan Nassar, publicado em 1975, por ser uma obra de grande elaboração estilística, sobretudo no uso de neologismos de metáfora, nos ofereceu um material bastante generoso e sugestivo para esse tipo de análise, que nos possibilitou discussões profícuas a respeito do uso de metáforas como recurso de estilo e criação de sentido.

PALAVRAS-CHAVE: Lavoura Arcaica; Raduan Nassar; neologismo; metáfora; estilística

O objetivo deste artigo é relatar os procedimentos realizados para a análise de um conjunto específico de metáforas do romance *Lavoura arcaica* – selecionadas conforme critérios que serão expostos a seguir – que foi objeto da dissertação de mestrado *Expressividade e sentido: um estudo estilístico das metáforas de Lavoura*

¹ USP, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Correspondência: Av. Portugal, 277, ap. 44. CEP 04559-000, São Paulo, SP, Brasil. deniseplotito@gmail.com

Arcaica (LOTITO, 2007). Relataremos também, de forma abreviada, os resultados e as conclusões da pesquisa.

Repetidas leituras de *Lavoura arcaica* nos levaram a identificar a existência de um padrão recorrente no uso das metáforas. Notamos que grande parte delas é formada por palavras do mesmo universo semântico, a saber, a natureza. Dessa forma, vocábulos que designam e qualificam, em seu uso ordinário, seres dos reinos animal e vegetal, além de verbos que nomeiam ações ou estados desses seres, são utilizados no texto para designar, qualificar ou indicar ações e estados dos personagens humanos.

Acreditamos que o uso dessas metáforas esteja em consonância com a visão de mundo e as convicções do narrador, que vive no mundo rural, portanto próximo da natureza, e é desejoso de afirmar sua opção pela valorização do instinto e da satisfação dos desejos individuais, em detrimento da racionalidade e do controle da emoção que orienta os valores da tradição de sua família, representada pela voz do pai.

O emprego da metáfora mostra-se muito ajustado ao discurso do narrador em primeira pessoa e ao fluxo psicológico que se vê em *Lavoura arcaica*. Graças a sua forma condensada e intuitiva de gerar significados novos para as palavras, essa figura de linguagem é usada no texto como uma maneira de traduzir os sentidos pessoais que o narrador atribui ao mundo que quer edificar para si. Um mundo que não rompe totalmente com o antigo, mas o renova, e para isso necessita não de palavras morfologicamente modificadas, mas de formas antigas que são renovadas pelos novos significados. Nosso objetivo é analisar de que maneira as metáforas do romance de Raduan Nassar se organizam como recurso estilístico, contribuindo para a construção dos sentidos da obra.

Os momentos em que André, o narrador-protagonista, relata seus sentimentos e pensamentos são os momentos em que ele usa mais figuras de linguagem. O tom que se tem é, muitas vezes, o tom do delírio. Desses trechos é que retiramos as metáforas para nosso estudo. Para nós, a aplicação da metáfora nos discursos de André é muito mais do que um recurso de ornamentação do texto. Ela atende à necessidade do narrador de criar suas próprias palavras, para poder nomear as coisas do seu mundo pessoal que está sendo descoberto, produto da subversão do mundo paterno.

Sistema metafórico

As metáforas utilizadas em uma obra literária podem ser motivadas por inúmeros fatores e organizadas de incontáveis maneiras. O mais comum é encontrarmos, ao longo dos textos, metáforas independentes umas das outras, motivadas pelo contexto imediato em que elas se encontram, não havendo um padrão de organização que as unifique. Em *Lavoura arcaica*, porém, não é isso que se observa. Percebe-se que há não só uma orientação semântica – universo dos elementos da natureza – para a criação dessas metáforas, como também uma cuidada distribuição delas dentro do texto, além de relações de sinonímia, o que resulta no estabelecimento de um universo interno ao texto.

Em *Lavoura arcaica* reconhecemos procedimentos de criação de um sistema metafórico que apresenta algumas das características do sistema alegórico apontadas por Hansen (1986). Por exemplo, a eleição de um universo temático que se organiza em uma rede associativa, cuja intenção é reforçar a lógica de um pensamento, utilizando realidades conhecidas. Um aspecto importante da alegoria, e que interessa a este

trabalho, são as analogias que se estabelecem dentro do sistema alegórico, pois elas são um reforço importante para o estabelecimento dos elos que sustentam o sistema.

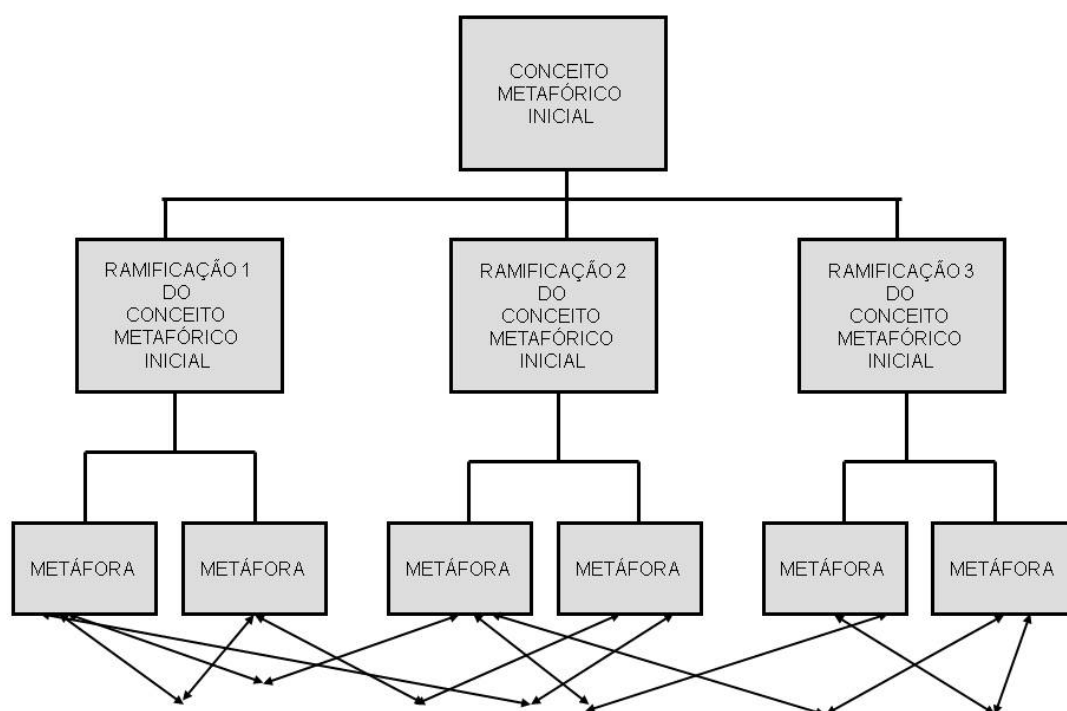
Em *Lavoura arcaica*, encontramos diversas associações entre as metáforas criadas, seja pela sonoridade, seja pela repetição, seja por referências de significado estabelecidas entre as metáforas. Hansen (1986:39) ressalta que a alegoria é não só metáfora (substituição) como também anáfora (repetição). Esse processo anafórico que caracteriza a alegoria é claramente identificado nas metáforas de *Lavoura arcaica*.

Dentre as metáforas de *Lavoura arcaica*, distinguimos para nosso estudo aquelas que se organizam sobre o tema da relação do homem com a natureza. Esse uso de metáforas formadas a partir de um mesmo tema produz um sistema metafórico que encontra pontos em comum com os sistemas alegóricos. Notamos também que esse sistema mantém semelhanças com os sistemas das metáforas da língua cotidiana, descritos por Johnson e Lakoff em *Metaphors We Live By* (Metáforas da Vida Cotidiana). Nessa obra, os autores descrevem a maneira como alguns conceitos do nosso dia-a-dia são definidos metaforicamente, a partir de um conceito metafórico inicial, criando uma rede de metáforas estruturada a partir de outros conceitos metafóricos decorrentes desse conceito primitivo.

Se na vida cotidiana essa característica do uso das metáforas pode ser limitadora para uma compreensão mais integral do mundo, na literatura ela pode ser muito proveitosa, justamente por esse mesmo motivo, se for usado como um recurso de reforço do sentido da visão de mundo daquele contexto literário.

As metáforas do cotidiano são responsáveis por parte das semelhanças que percebemos entre as coisas. Por exemplo, a metáfora “as idéias são objetos” pode gerar

relações de semelhanças como: “se eu posso te dar um objeto, eu posso te dar uma idéia”. Daí surgiria a metáfora “fui eu quem te deu essa idéia”. A consequência dessa afirmação é que ela amplia a compreensão de metáfora segundo a qual ela é criada pela semelhança entre dois conceitos. Além de ser criada pela semelhança entre dois conceitos, a metáfora também cria semelhanças entre esses conceitos. Esse fenômeno é responsável pelo estabelecimento de uma rede de relações entre as metáforas que fortalece o sistema metafórico. Esse aspecto da criação de sistemas metafóricos é ilustrado no sistema de metáforas de *Lavoura arcaica* pelo quadro a seguir.



Quadro 1. Relações entre as metáforas dentro do sistema metafórico de *Lavoura*

Arcaica

As metáforas de *Lavoura arcaica* expressam a conceituação do mundo de André, o narrador. O reforço da visão particular que o narrador tem do mundo e o

desejo de afirmar essa visão são funções que os sistemas metafóricos de *Lavoura arcaica* assumem no texto. Quando o enunciador utiliza essas metáforas, ele assume uma maneira de sentir, perceber e agir de acordo com elas, assim como Johnson e Lakoff (1980) afirmam que acontece com os sistemas conceituais metafóricos humanos.

Os sistemas metafóricos de *Lavoura arcaica* pressupõem não apenas um conceito metafórico e suas ramificações, como também a criação de marcas, indícios e analogias que procuram reforçar os conceitos metafóricos, com o objetivo de garantir a coerência e a coesão do universo de significado interno ao texto.

Um dos indícios sobre o significado dos conceitos metafóricos é o uso de outros recursos lingüísticos e figuras de linguagem que reiteram os conceitos metafóricos.

Outras formas de reforçar as relações metafóricas, e dessa maneira torná-las mais familiares ao leitor, é a repetição das expressões metafóricas. Riffaterre (1971:58-9) dá a esse tipo de procedimento o nome de “retroação”:

Le sens et la valeur de certains faits de style déjà déchiffrés sont modifiés rétrospectivement par ce que le lecteur découvre à mesure qu’il progresse dans sa lecture. Tel mot répété, par exemple, est mis en relief du fait de la répétition: il fait contraste avec les mots de son contexte qui ne sont pas marqués comme lui par une relation d’identité avec un “prototype”. Mais ce prototype lui-même (la première occurrence du mot), s’il n’avait pas été remarqué d’abord ou l’avait été pour d’autres raisons, s’impose à nouveau au lecteur et souvent avec une valorisation différente.²

² O sentido e o valor de certos fatos de estilo já decifrados são modificados retrospectivamente pelo que o leitor descobre, à medida que progride na leitura. Tal palavra repetida, por exemplo, é realçada pela repetição: forma um contraste com as palavras de seu contexto que não são marcadas como ela por uma relação de identidade com um “protótipo”. Mas este mesmo protótipo (a primeira ocorrência da palavra), que não foi notado de início, ou o foi por outras razões, impõe-se novamente ao leitor e muitas vezes com uma valorização diferente.

Ullmann (1966:133) reconhece essa forma de repetição como um recurso e reforço da expressividade, chamando a atenção para sua intencionalidade:

The persistent recurrence of certain important stylistic devices and leit-motivs [...] is an unmistakable sign of conscious and purposeful artistry. The same may be said of what has been called “stylistic convergence”: the use of several devices which all concur to express the same idea or to product the same effect.³

Relações entre as metáforas

Outro recurso de ênfase desse universo interno ao texto é a instauração de uma intrincada rede de cruzamentos entre as metáforas, baseados em analogias entre elas. Esses cruzamentos são os desdobramentos possíveis do sistema de semelhanças gerado pelas metáforas.

Uma das analogias que geram cruzamento das metáforas é a coincidência dos traços semelhantes entre a coisa de que se fala e a coisa que a representa. Ilustraremos essa situação através de alguns conceitos metafóricos selecionados, no quadro a seguir.

³ A persistente recorrência de certos importantes artifícios e leit-motivs estilísticos [...] é um sinal inequívoco de uma atividade consciente e deliberada. Pode-se dizer o mesmo do que se tem chamado de convergência estilística: o uso de vários artifícios, todos concorrendo para expressar a mesma idéia e produzir o mesmo efeito.

CRUZAMENTO DE FUNDAMENTOS			
TEOR ⁴	VEÍCULO	EXEMPLO	FUNDAMENTOS
pênis	caule	<i>onde, nos intervalos da angústia, se colhe, de um áspero caule, na palma da mão, a rosa branca do desespero (LA, p.1)</i> ⁵	de forma ⁶ : cilindro
pênis	espinho	<i>não tenho culpa deste espinho, não tenho culpa desta intumescência, (LA, p.137)</i>	de forma: cilindro de função: causar mal
esperma	veneno	<i>as pontas dos meus dedos tocavam cheias de veneno a penugem incipiente do meu peito (LA, p.10)</i>	de função: causar mal
desejo sexual	veneno	<i>era refocilando ali que eu largava minha peçonha, esse visgo tão recôndito (LA, p.74)</i>	de função: causar mal
pensamento	flor venenosa	<i>era de estrume meu travesseiro, ali onde germinava a planta mais improvável, certo cogumelo, certa flor venenosa (LA, p.52)</i>	de função: causar mal de situação: brotar
esperma	flor branca	<i>onde, nos intervalos da angústia, se colhe, de um áspero caule, na palma da mão, a rosa branca do desespero (LA, p.1)</i>	de situação: brotar de forma: cor branca

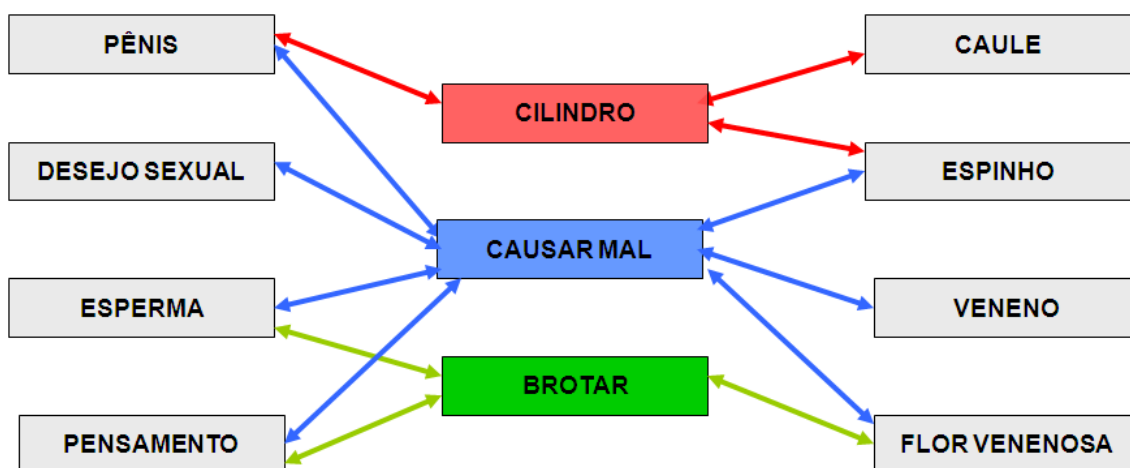
⁴ Para descrever os conceitos metafóricos usamos a terminologia apresentada por Ullmann (1964:213): “tenor” (traduzida para “teor”), para nomear a coisa de que falamos, e “vehicule” (traduzida para “veículo”), para nomear aquilo com que ela está sendo comparada. O “ground” (traduzida para “fundamento”) é o traço comum entre teor e veículo. As traduções desses termos foram retiradas de ULLMANN, Stephen. *Semântica, Uma introdução à ciência do significado*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964, p.442.

⁵ LA é sigla para *Lavoura arcaica*. Ela será usada nos exemplos retirados do livro, seguida do número da página de onde o exemplo foi extraído. A edição de *Lavoura arcaica* a que nos referimos neste trabalho é a 3ª edição revista pelo autor, publicada pela editora Companhia das Letras, em 1989.

⁶ Para descrever os fundamentos, usamos a classificação estabelecida por Cressot (1976): 1. de função: a função ou finalidade das coisas comparadas; 2. de forma: semelhança de aspectos materiais objetivos como cor, dimensões, textura, consistência, peso; 3. de situação: as que comparam o lugar em que se situam as coisas relacionadas. Ampliamos o sentido da palavra “situação”, uma vez que Cressot deixa vaga essa definição. Assim, entendemos situação não só como lugar, mas também como postura física, circunstância, estado, condição e ação.

Quadro 2. Cruzamento de fundamentos das metáforas

O Quadro 3 tenta fazer uma síntese das relações entre todos os teores, veículos e fundamentos apresentados no quadro anterior.



Quadro 3: Síntese dos cruzamentos entre os fundamentos das metáforas

As metáforas “pênis é caule” e “pênis é espinho” se aproximam pelo fundamento de forma “cilindro”. “Pênis é espinho”, “esperma é veneno”, “desejo sexual é veneno” e “pensamento é flor venenosa” se aproximam pelo fundamento de função “causar mal”. As metáforas “pensamento é flor venenosa” e “esperma é flor branca” se aproximam pelo fundamento de função “brotar”. Note-se que várias dessas semelhanças existem apenas na visão de mundo do narrador.

Notamos que os mesmos fundamentos se repetem em várias metáforas, criando uma rede de significados recorrentes que se transferem de uma metáfora a outra. A criação da metáfora “pênis é espinho”, por exemplo, é resultante da transferência de uma idéia metafórica a outra. No contexto de *Lavoura arcaica*, essa relação é favorecida pela presença da metáfora “esperma é veneno”, que atribui ao sexo, e conseqüentemente a pênis, a função de causar mal, que é semente de veneno. Dessa forma, temos que:

Pênis é cilindro; caule é cilindro; portanto pênis é caule.

Esperma causa mal, porque é veneno; esperma brota do pênis, porque é flor, e pênis é caule; portanto pênis causa mal, porque dele brota veneno (esperma).

Espinho é cilindro; pênis é cilindro. Logo, se espinho causa mal; pênis causa mal. Assim, pênis é espinho.

Raciocínio análogo pode ser repetido para a metáfora “pensamento é flor venenosa”, que leva à conclusão de que pensamento, veneno, flor e sexo estão, de alguma forma, relacionados. Dessas relações, resulta, o período metafórico que se segue:

mas eram na verdade só as primeiras ressonâncias do meu sangue tinto que eu sentia salso e grosso, e refluindo na cabeça, e intumescendo ali a flor antes inerte, e fazendo daquele amontoado de vermes, despojada de galões, a almofada sacra pr'eu deitar meu pensamento (LA p.48)

Nesse período, relacionam-se as noções de cabeça, intumescer, flor e pensamento com todos os seus significados conhecidos fora do contexto do romance somados aos significados que elas adquirem no sistema metafórico interno ao texto:

Cabeça: parte superior do corpo humano que contém crânio e face; metáfora para glândula do pênis.

Intumescer: ereção do pênis; um pensamento surgindo na cabeça (idéia metafórica interna ao romance).

Flor: esperma; pensamento (idéias metafóricas internas ao romance).

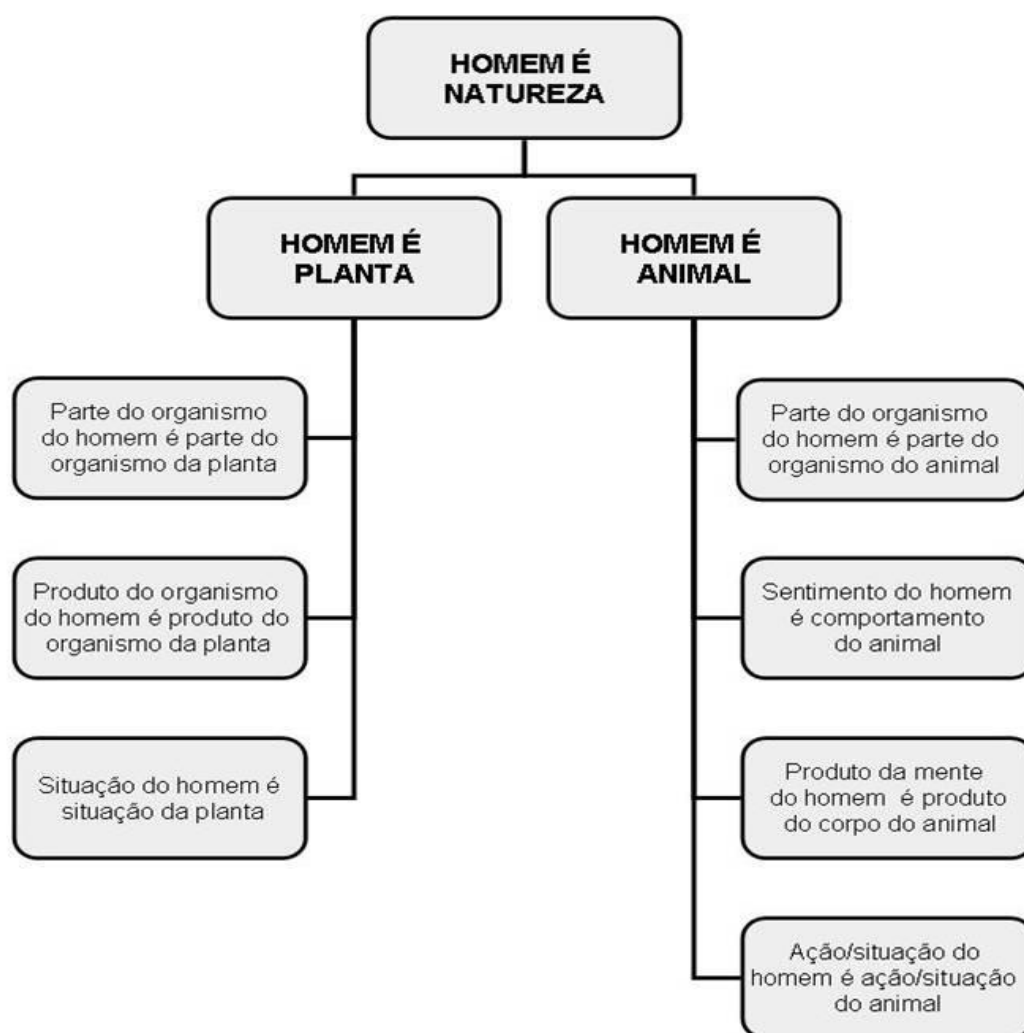
A organização do sistema metafórico de *Lavoura arcaica*

Da mesma forma que os sistemas metafóricos do cotidiano podem criar ramificações de um conceito metafórico, em *Lavoura arcaica* também identificamos essas ramificações. Cada uma dessas ramificações gera sub-ramificações segundo as quais classificamos as metáforas do romance.

Para definir as ramificações e sub-ramificações das metáforas criadas com base no conceito metafórico “homem é natureza”, usamos o critério de quantidade, optando por mostrar as ramificações que têm uma quantidade mínima de exemplos que permita organizá-las dentro de uma categoria. Outro critério para definição das ramificações foi a relevância das metáforas para a construção das relações entre elas, ou seja, os exemplos que são importantes para o reforço do sentido metafórico dos exemplos pertencentes a outras ramificações. Fizemos as escolhas que nos pareceram mais convenientes para estruturar as ramificações de forma coerente.

A nomenclatura das ramificações se inspira na nomenclatura das ramificações apresentadas por Johnson e Lakoff (1980) e tenta ser o mais geral possível, para dar conta de um número maior de metáforas.

O esquema a seguir mostra as ramificações e sub-ramificações subordinadas ao conceito “homem é natureza” que identificamos. É dentro deste esquema que organizamos as metáforas que compõem os exemplos recolhidos no romance.



Quadro 4: Esquema das ramificações do sistema metafórico de *Lavouira arcaica*

A ordem de apresentação dos exemplos dentro das sub-ramificações não é aleatória. Eles estão reunidos por teor e ordenados por ordem crescente dos números das páginas em que se encontram no livro. Dessa forma, o leitor pode ter uma idéia da localização dos exemplos dentro do texto, e avaliar sua proximidade. A proximidade das ocorrências das metáforas no espaço do texto é um fator de reforço da coesão do sistema metafórico.

A seguir, mostramos um exemplo de metáfora analisada.

EXEMPLO 1		
TEOR	VEÍCULO	EXPRESSÃO METAFÓRICA E CONTEXTO VERBAL
pênis	caule	o quarto é individual, é um mundo, quarto catedral, onde , nos intervalos da angústia, se colhe , de um áspero caule , na palma da mão , a rosa branca do desespero (LA, p.1)
COMENTÁRIOS		
<ul style="list-style-type: none"> • Fundamento de forma: formato alongado e cilíndrico. • Esse trecho compõe o primeiro período do livro. A interpretação dessa metáfora depende de outras metáforas que virão a seguir, relativas a pênis e esperma. • Aproximação sonora que se insinua entre as palavras “colhe” e “caule”. • Essa idéia metafórica encontrará variações nas substituições de “caule” por “haste” (Exemplo 2 e 3) e “espinho” (Exemplo 4). • O adjetivo “áspero” confere um sentido negativo a pênis. O sentido negativo do sexo no texto justifica-se pelo fato de ele estar ligado a uma situação proibida (o incesto). Esse sentido negativo está presente em todas as referências ao sexo. A esse respeito, ver Exemplos 17 e 18 (esperma=veneno), Exemplo 4 (pênis=espinho), Exemplo 5 (pênis=cactus), Exemplo 16 (esperma ligado a desespero), Exemplo 20 (esperma ligado sangramento), Exemplo 42 (desejo sexual=peçonha). • Esse exemplo compõe uma seqüência alegórica com o Exemplo 16 (esperma=rosa branca). 		

Optamos por apresentar as metáforas em tabelas, para facilitar a visualização da análise e o reconhecimento das analogias entre as metáforas. A expressão metafórica, que compreende todos os elementos que consideramos necessários para o reconhecimento do sentido metafórico, está assinalada em negrito. Seus elementos nucleares constam dos campos “teor” e “veículo”.

Além de apresentar teor, veículo e fundamento das metáforas acrescentamos alguns comentários a cada exemplo. Procuramos, com esses comentários, mostrar a existência de relações, entre as metáforas, que são instituidoras de um sistema de sentido cuja finalidade é traduzir a visão de mundo do narrador.

Apresentamos nossa interpretação do significado das metáforas nos valendo, inclusive, da distinção entre metáfora subjetiva e objetiva estabelecida por Ullmann (1964:213), que usa os termos “emotive” e “objective”. Para este autor, as metáforas subjetivas são as do âmbito dos sentimentos, e estão submetidas à subjetividade de quem as enuncia. As metáforas objetivas são aquelas em que as relações de semelhança se dão por fatores perceptíveis por qualquer observador, independentemente de julgamento, interesse, gosto, desejo, visão de mundo, sentimentos, opiniões. São aspectos do âmbito da matéria.

Classificamos essas metáforas segundo seu fundamento seja de situação, forma ou função, conforme a divisão de Cressot.

Em alguns exemplos, também achamos necessário assinalar o valor metonímico da metáfora.

Ressaltamos também as metáforas que se relacionam entre si, reforçando os sentidos metafóricos relevantes para a criação do sentido do texto e do sistema metafórico.

Aspectos de produção de expressividade como sonoridade, ritmo e renovação de metáforas comuns na língua também são destacados em nossos comentários.

Algumas conclusões

Do estudo das 51 metáforas analisadas, pudemos tirar algumas conclusões:

1. Quanto ao reforço dos sentidos da obra pelo uso de metáforas derivadas do conceito “homem é natureza”, notamos que há uma diferença na contribuição que essas metáforas exercem para o sentido de afirmação da identidade de André, o narrador-protagonista. Aquelas que se aproximam mais do senso comum contribuem menos para o reforço do sentido da obra do que aquelas cujo sentido metafórico existe apenas dentro do texto.

2. Quanto à relação entre os tipos de fundamentos e a visão de mundo do narrador, podemos notar que as metáforas com fundamento de situação e, mais ainda, de função, ao contrário das metáforas com fundamento de forma, são as mais afeitas a transmitir essa visão de mundo, uma vez que o narrador pode ter uma compreensão particular da função e da situação das coisas do mundo, mas não da forma da matéria.

3. Percebemos, pela maioria de nossos exemplos, que, em *Lavoura arcaica*, é especialmente importante para a compreensão das metáforas considerar um contexto

amplo, que pode muitas vezes ser composto por expressões distantes umas das outras dentro do espaço do livro. Essa observação se aplica, sobretudo, para as metáforas baseadas em fundamentos de forma e as de fundamento de função.

4. Encontramos no texto algumas metáforas compostas por verbos. São as que pertencem à ramificação “Ação/situação do homem é ação situação do animal”. As metáforas verbais têm a particularidade de transferir sua carga de significado para o ser que pratica a ação. Os exemplos mais numerosos dessa situação são os compostos pela metáfora correr=voar, que confere a André características de pássaro.

5. O valor metonímico que encontramos em muitas metáforas parece estar diretamente relacionado com a produção de expressividade. Uma metáfora construída sobre uma metonímia tende a tornar-se mais complexa. Essa situação produz mais expressividade porque torna a mensagem ainda mais indireta, criando uma distância maior entre teor e veículo.

6. A renovação de idéias metafóricas que podem ser consideradas clichês é outro fator de expressividade encontrado algumas vezes nos nossos exemplos. A recuperação de imagens gastas pelo uso comum é uma forma de torná-las mais expressivas.

Referências bibliográficas

CRESSOT, Marcel. *Le style et ses techniques*. Paris: Presses Universitaires de France, 1976.

HANSEN, João Adolfo. *Alegoria: construção e interpretação da metáfora*. São Paulo: Atual Editora, 1986.

JOHNSON, M. E LAKOFF, G. *Metaphors We Live By*. University of Chicago Press, 1980.

LOTITO, D.P. *Expressividade e sentido: um estudo estilístico das metáforas de Lavoura Arcaica*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007.

NASSAR, Raduan. *Lavoura arcaica*. 3ª edição revista pelo autor. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

RIFFATERRE, Michel. *Essais de stylistique structurale*. Paris: Flammarion, 1971.

ULLMANN, Stephen. *Language and style*. Oxford: Basil Blackwell, 1966.

_____. *Semantics: an introduction to the science of meaning*. Oxford: Basil Blackwell, 1964.

Anexo: As metáforas recolhidas

Neste anexo apresentamos apenas uma lista com as metáforas recolhidas em seu contexto próximo, dentro das ramificações, sem, no entanto, apresentar as análises que constam da pesquisa.

Homem é planta: Parte do organismo do homem é parte do organismo da planta

PÊNIS
o quarto é individual, é um mundo, quarto catedral, onde, nos intervalos da angústia, se colhe, de um áspero caule , na palma da mão, a rosa branca do desespero
Schuda, paciente, mais generosa, quando uma haste mais tímida, misteriosa e lúbrica, buscava no intercurso o concurso do seu corpo.
me joguei inteiro numa só flecha, tinha veneno na ponta desta haste
não tenho culpa deste espinho , não tenho culpa desta intumescência, deste inchaço, desta purulência, não tenho culpa deste osso túrgido
me antecipando numa santa fúria, me cobrindo de bolhas de torso a dorso, babando o caldo pardo das urtigas, sangrando a suculência do meu cactus

OLHO
sabia que meus olhos eram dois caroços repulsivos, mas nem liguei que fossem assim, eu estava confuso, e até perdido
me larguei na beira da cama, os olhos baixos, dois bagaços
cheia de meiguice, mistério e veneno nos olhos de tâmara

BOCA
Ficava imaginando de longe a pele fresca do seu rosto cheirando a alfazema, a boca um doce gomo (<i>lábios</i>)
que grãos mais brancos e seráficos, debulhando sorrisos plácidos (<i>dentes</i>)

PÊLO
que resinas se dissolviam na danação do espaço, me fustigando sorradeiras a relva delicada das narinas?
que tudo fosse queimado, meus pés, os espinhos dos meus braços, as folhas que me cobriam a madeira do corpo
fazendo surgir da flora meiga do púbis, num ímpeto cheio de caprichos e de engenhos, o meu falo soberbo

RAIZ
devolvendo às origens as raízes dos meus pés

Homem é planta: Produto do organismo do homem é produto do organismo da planta

ESPERMA/ESPERMATOZÓIDE
fazendo do quarto maior da casa o celeiro dos meus testículos (que terra mais fecunda, que vagidos, que rebento mais inquieto irrompendo destas sementes!)
o quarto é individual, é um mundo, quarto catedral, onde, nos intervalos da angústia, se colhe, de um áspero caule, na palma da mão, a rosa branca do desespero
as pontas dos meus dedos tocavam cheias de veneno a penugem incipiente do meu peito ainda quente e foi numa vertigem que me estirei queimando ao lado dela, me joguei inteiro numa só flecha, tinha veneno na ponta desta haste
vertendo todo meu sangue nesta senda atávica, descansando em palha o meu feto renascido, embalando-o na palma, espalhando as pétalas prematuras de uma rosa branca
me antecipando numa santa fúria, me cobrindo de bolhas de torso a dorso, babando o caldo pardo das urtigas, sangrando a suculência do meu cactus

FALA/PENSAMENTO
e senti também, pensando nela, que estava por romper-se o fruto que me crescia na garganta
mas eram na verdade só as primeiras ressonâncias do meu sangue tinto que eu sentia salso e grosso e refluindo na cabeça, e intumescendo ali a flor antes inerme, e fazendo daquele amontoado de vermes, despojada de galões, a almofada sacra pr'eu deitar meu pensamento
era de estrume meu travesseiro, ali onde germinava a planta mais improvável, certo cogumelo, certa flor venenosa

LEITE
que sono era esse tão frugal, tão imberbe, só sugando nos mamilos o caldo mais fino dos pomares

AMOR

Ana, tudo começa no teu amor, ele é o núcleo, ele é a **semente**, o teu amor para mim é o princípio do mundo

Homem é animal: Parte do organismo do homem é parte do organismo do animal**MÃO**

as mesmas unhas que me riscaram as costas, exaltando minha pele branca, **patas** mais doces quando corriam minhas partes mais pudendas

chutei com violência a palha que eu, no **bico**, dia-a-dia, tinha amontoado no meio do quarto

a mão que eu amassava dentro da minha estava em repouso, não tinha verbo naquela palma, nenhuma inquietação, não tinha alma aquela **asa**

senti de repente que a mão anêmica que eu apertava era um súbito **coração de pássaro**, pequeno e morno

OLHO

meus olhos de início foram de espanto, redondos e parados, **olhos de lagarto** que abandonando a água imensa tivesse deslizado a barriga numa rocha

PELE

fechei minhas pálpebras de **couro**

me espicaçando o **couro** nas pontas da sua luz metálica

PERNAS

enquanto suas **pernas de potro** compensavam o silêncio, voltando a mexer desordenadas sob o lençol

Homem é animal: Sentimento do homem é comportamento do animal**DESEJO CONTIDO DE FAZER ALGO INTERDITADO**

me fazendo sentir de repente que me escapava da corrente o **cão sempre estirado** na sombra sonolenta dos beirais

SENTIMENTO DE INQUIETAÇÃO

que salto, que **potro inopinado e sem sossego** correu com meu corpo em galope levitado?

VONTADE DE REALIZAR

mas já sentindo **as patas de um animal forte galopando** no meu peito

DESEJO DE EXPRESSAR OS SENTIMENTOS

redescobrimo sem demora em mim **todo o animal**, cascos, mandíbulas e esporas

Homem é animal: Produto da mente do homem (pensamento/sentimento) é

produto do corpo do animal

DESEJO SEXUAL

era refocilando ali que eu largava minha peçonha , esse visgo tão recôndito
--

ela sabia fazer bem as coisas, essa minha irmã, esconder primeiro bem escondido sob a língua sua peçonha

Homem é animal: Ação/situação do homem é ação/situação do animal

PISCAR

meus olhos pouco apreenderam, sequer perderam a mobilidade ante o vôo fugaz dos cílios

DANÇAR

enquanto serpenteava o corpo, ela sabia fazer bem as coisas, essa minha irmã,
--

SER GERADO

não aconteceu mais do que eu ter sido aninhado na palha do teu útero por nove meses
--

CORRER

mal entrei, voei para a janela

eu já não estava dentro de mim, tinha voadado pra porta de entrada

e foi a toda que me evadi da casa velha, os pés descalços, e no vôo de minhas pernas abriu-se de repente um outro sítio
--

ESTAR PARALISADA

fechei a porta, tinha puxado a linha, sabendo que ela, em algum lugar da casa, tinha as asas arriadas , se encontraria esmagada sob o peso de um destino forte
